

# Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## A CLASSE OPERÁRIA NA LUTA ECONÓMICA E POLÍTICA

**A** intensificação das lutas reivindicativas da classe operária e dos restantes trabalhadores nos últimos dois anos, são uma consequência directa do aumento crescente das suas dificuldades económicas e da exploração redobrada de que são vítimas. O agravamento desta situação, provocada por uma crise económica que atinge quase todos os sectores produtivos da Nação, não pode deixar de impulsionar a classe operária e restantes trabalhadores da cidade e do campo para a frente, para novas, maiores e mais potentes e encarniçadas lutas pelo pão e pelo pão dos seus filhos.

O objectivo principal da luta da classe operária no terreno económico é o aumento dos seus salários ao nível atingido pelo custo de vida, salários que deverão aumentar sempre que aumente o custo de vida. Ao mesmo tempo, o aumento crescente do desemprego coloca à classe operária e restantes trabalhadores a tarefa inadiável de se unir e organizar na luta por Pão ou Trabalho, quer dizer, por trabalho ou subsídio de desemprego.

Neste quadro que devemos englobar a luta da classe operária, luta que deverá travar-se, ORGANIZADAMENTE, nas empresas, nos sindicatos e junto das autoridades e cujas formas devem ser legais para serem amplas. Claro que isto não quer dizer que os operários não recorram à greve. Não, muito longe disso. Quando as formas legais de luta se esgotam um caminho resta! Recorram audaciosamente à greve e às manifestações de rua pela conquista das suas reivindicações.

Mes, o objectivo da classe operária não consiste apenas em lutar por reivindicações económicas. A classe operária cabe a difícil tarefa de dirigir a luta pela modificação da actual situação política. Para isso ela precisa, em primeiro lugar, de realizar a sua unidade na luta diária pelas suas reivindicações específicas. Em segundo lugar, junto à sua volta todas as forças progressivas e patrióticas da nação pelo objectivo comum a todas: a conquista das liberdades democráticas e elevação do nível de vida do povo.

É fora de dúvida que, nesse sentido, quanto mais lutas a classe operária e restantes trabalhadores desencadearem pelas suas

reivindicações e quanto mais potentes elas forem, mais essas lutas contribuirão também para encorajar as outras camadas da população (intelectualidade, pequena e média burguesia e mesmo a burguesia não monopolista) a lançarem-se na luta aberta pelas suas próprias reivindicações e a marcharem com a classe operária e o seu Partido — o Partido Comunista — para o derrubamento da camarilha salazarista.

UMA TAREFA POLÍTICA INADIÁVEL DE ENORME IMPORTÂNCIA QUE SE COLOCA HOJE À CLASSE OPERÁRIA, E QUE OS COMUNISTAS NÃO PODEM DEIXAR DE TER PRESENTE, É A SUA ORGANIZAÇÃO EM COMISSÕES ELEITORAIS E A SUA ACTIVIDADE EM TODOS OS LOCAIS DE TRABALHO. NO SENTIDO DE MOBILIZAR À SUA VOLTA TODOS OS TRABALHADORES DA CIDADE E DO CAMPO, TODOS OS INTELECTUAIS PROGRESSIVOS E ESTUDANTES E IMPULSIONAR-LOS PARA A FRENTE COM VISTA À ESCOLHA RÁPIDA DE UM CANDIDATO DEMOCRÁTICO PARA REPRESENTAR A OPINIÃO DAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES E A LUTAREM PELA SUA CANDIDATURA DURANTE A CAMPANHA ELEITORAL, ATÉ À BOCA DAS URNAS.

## TODOS SÃO ATINGIDOS TODOS SE DEVEM UNIR E COMBATER



**Q**ueixam-se os trabalhadores de que a vida cada vez está mais cara, de que os seus salários e ordenados não chegam para nada e de que, ainda por cima, o desemprego aumenta. Isto corresponde à realidade.

Queixam-se os pequenos e médios comerciantes de que lutam com tremendas dificuldades para satisfazerem os seus compromissos e de que ainda por cima são eles que aguentam com as iras e os justos desabaços dos fregueses contra a vida cara e a má qualidade dos géneros e lambem com as perseguições e as pesadas multas da fiscalização, quando, na realidade, são os grandes intermediários enriquecidos nos Grémios, Juntas e Federações, ou protegidos pelos governantes, que são os verdadeiros responsáveis e os únicos a lucrarem com isso. Isto corresponde à verdade.

Queixa-se a burguesia não monopolista de dificuldades crescentes com que luta para o desenvolvimento das suas actividades industriais e comerciais. De que tal como os médios e pequenos industriais, e comerciantes e agricultores, sente-se abafada e manietada pela exploração infernal da organização corporativa. Isto é também verdade.

Todos se queixam de que os descontos, os impostos, as taxas, as alcavalas são cada vez mais pesados. Isto é ainda verdade.

### O governo de Salazar é o governo dos monopolios

Só meia dúzia de monopolistas, nas mãos dos quais se bem concentrado pouco a pouco a riqueza nacional, não se queixam. Esses engordam cada vez mais à medida que aumenta a miséria das massas trabalhadoras, a ruína e empobrecimento da pequena e média burguesia e as dificuldades da burguesia não monopolista.

Perdido o governo actual não poderá pertermo este empobrecimento geral de que beneficiam aqueles poucos que não são tão muito ricos? Não, não pode. E

porquê? Porque O GOVERNO FASCISTA DE SALAZAR NÃO É OUTRA COISA QUE O GOVERNO DESSA MEIA DÚZIA DE MONOPOLISTAS NACIONAIS E ESTRANGEIROS.

A política do governo fascista de Salazar é ditada por esses monopolistas, quando não são eles próprios a dirigirem directamente os ministérios, como tem sido e é o caso de alguns ministros salazaristas. Um tal governo tem, pois que seguir uma política anti-democrática, anti-pacífica, de exploração desenfreada das classes trabalhadoras e de esmagamento das classes médias e até da burguesia não monopolista, porque nisso está o interesse dos monopolistas.

### A crise torna-se mais grave

Como já assinalámos em números anteriores do «Avante!» a crise atinge com certa gravidade as maiores indústrias portuguesas como a têxtil, a corcileira, a de conservas de peixe, a mineira, etc. Quase diariamente se anuncia a redução do trabalho em algumas fábricas e mesmo o seu encerramento, como sucedeu recentemente em relação à fábrica de tecidos de Alcobaca que, a não se evitar, atingirá cerca de 3.000 pessoas.

Na agricultura, os produtores de vinho não sabem que fazer à vida. Não encontram saída para os vinhos, querem vendê-los mas não podem porque a Junta do Vinho nunca mais fixa o seu preço. Isto levou os vinícolas muito a se verem livres da festurem o desejo de se verem livres da Junta. O que se passa com a batata é simplesmente escandaloso. A Junta das Frutas comprou há tempos aos lavradores uns milhares de toneladas de batata a baixo preço, mas quando os produtores julgavam que iriam vender o resto (que era a melhor parte) já não dizemos a preço compensador, mas ao menos ao preço do custo, eis que a Junta proibe a circulação e a venda da batata que não seja por seu intermédio e sob o seu controle directo, aumentando ao mesmo tempo o seu preço em 50%. O Belo negócio, não há dúvida. Isto resultou que os produtores vêm apanhar a batata, arruinando-se sem proveito para ninguém.

Poder-se-á julgar que a produção agrícola tem aumentado muito, mas não. Em relação a 1956, em 1957 produziu-se mais trigo, centeio, grão de bico, azeite e batata, mas produziu-se menos milho, feijão, vinho, carne, farruras, etc., isto mesmo em relação aos últimos 10 anos e, entretanto, a população aumentou de cerca de um milhão de pessoas nesse espaço de tempo.

Vê-se assim que o problema da crise e das dificuldades não está em haver produtos a mais, mas sim em as massas trabalhadoras da cidade e do campo não terem os meios para os poderem comprar, por os

(continua na 2.ª pag.)

## O 31 DE JANEIRO DE 1958 DECORREU SOB O SIGNO DA UNIDADE E DA LUTA

**P**restando uma vez mais, a devida homenagem aos heróis do movimento de 31 de Janeiro de 1951, milhares de trabalhadores, democratas e anti-salazaristas juntaram-se em reuniões e jantares de confraternização onde reafirmaram a determinação de pela luta conquistarem a LIBERDADE e a DEMOCRACIA, valores pelos quais os homens do 31 de Janeiro deram o seu sangue e a sua vida. Debateram também as questões mais importantes que se colocam, actualmente a oposição e entre elas a da escolha de um candidato as próximas eleições presidenciais.

A mais importante de todas as acções comemorativas foi, no entanto, a sessão realizada no Coliseu do Porto a que assistiram 2.000 pessoas e em que estiveram presentes democratas dos distritos de Lisboa, Aveiro, Braga, Chaves e Vila Real. Nesta sessão, um dos oradores, o Dr. Costa Gomes, que recordou que a eleição presidencial estava cada vez mais próxima e que, por isso, mais do que nunca se exigia a unidade democrática, propôs que o sr. Eng.º Cunha Leal fosse escolhido para candidato da oposição, proposta esta que provocou «uma autentica e prolongada tempestade de aplausos» (Jornal de Notícias); os Drs. Oliveira França e Arlindo Vicente aplaudiram igualmente para a unidade de todos os anti-salazaristas e o Eng.º Cunha Leal exortou todos os republicanos à união dizendo: «essa união não pode resultar de contendas isoladas, mas tem que visar um objectivo: servir a Pátria com a concordância de todos.»

Num jantar de confraternização realizado também no Porto, com a participação de cerca de 300 opositoristas, a esmagadora maioria pronunciou-se favoravelmente à apresentação da candidatura do Eng.º Cunha Leal, o democrata Dr. Fernando da Fonseca proferiu um discurso, em que apontou a necessidade de se agruparem as forças da oposição, de modo a melhor combaterem pelas liberdades fundamentais, o Dr. Silas Cerqueira afirmou que neste momento é necessário reconhecer a força colectiva do povo português e aconselhou que até ao último momento se não desistisse de ir às urnas eleitorais, e outros oradores como os Drs. Pedro Veiga, Rodrigo de Abreu, Costa Gomes, Arnaldo Mesquita e Daniel Filipe aplaudiram para a unidade.

Ainda no Porto, realizou-se uma romagem ao cemitério do Prado do Repouso em que tomaram parte milhares de pessoas.

Noutros pontos do país, tiveram lugar reuniões comemorativas do 31 de Janeiro: em Lisboa, num jantar na Cooperativa dos Trabalhadores, presidido pelo escritor Ferreira de Castro, participaram 90 trabalhadores e foi aprovada uma moção de apoio à escolha para candidato do Eng.º Cunha Leal; cinquenta democratas de Faro reuniram-se num jantar presidido pelo Dr. Silva

Nobre; democratas do concelho de Cascais realizaram um jantar que foi presidido pela escritora D. Lúlia da Fonseca; e realizaram-se ainda jantares de confraternização em Guimarães e Barcelos.

As comemorações do 31 de Janeiro foram pois, boas jornadas de unidade e de luta anti-salazarista. Delas saiu mais alargada a unidade da oposição e sobretudo foi proposto e logo aprovado por milhares de anti-salazaristas, um candidato para as próximas eleições presidenciais.

Depois delas, tiveram lugar outras acções de luta de diversas forças opositoristas, o seu desejo de unidade e o largo apoio que está sendo manifestado ao Eng.º Cunha Leal. Segundo nos informam, numerosas delegações de trabalhadores, intelectuais, estudantes e mulheres, bem como, mensagens vindas de diversas regiões do país, têm incitado este democrata a representar as forças da oposição nas próximas eleições. Por outro lado, realizaram-se reuniões: uma de dezenas de trabalhadores que aprovaram um documento sobre o momento político; outra de 80 estudantes, que aprovaram idêntico documento; e ainda uma reunião de mulheres. Todas estas reuniões se pronunciaram pelo apoio à escolha para candidato da oposição do Eng.º Cunha Leal.

Estas importantes acções democráticas e de massas, aglutinaram, já, um muito vasto sector opositorista, impulsionaram e desenvolveram o movimento eleitoral, mas certas dificuldades se mantêm, alguns democratas continuam a impedir a escolha de um candidato único que pelas suas posições públicas mereça a confiança de toda a oposição. Para vencê-las, novas e mais largas acções de massas se impõem, novas e mais persistentes esforços terão que ser desenvolvidos.

## CONCENTRAÇÃO DOS TRABALHADORES DAS PEDREIRAS DE CARENQUE

**C**erca de 100 operários (todas) que trabalham nas pedreiras de Carenque (Paral Malheiro) que ganham salários de miséria, (30\$00 diários), concentraram-se junto da Gerência para pedir que as horas que lhes descontam quando chove pudessem ser compensadas com o seu trabalho nos outros dias.

Furioso com esta acção unida de todos os operários, o gerente recusou-se a atender este pedido e ameaçou os operários, porque lhe disse quem os dirigia, que aquilo era uma greve, etc. E no dia seguinte como represália, quando os operários de manhã, após ter cessado de chover, se apresentaram ao trabalho não os deixou pegar obrigando-os a perder meio dia. Posteriormente este miserável continuou a perseguir e a

ameaçar os operários por todas as formas, tornando-lhes a vida impossível, com o fim de os desanimar.

Os operários das pedreiras de Carenque não devem desanimar mas sim, unirem-se unidos com um só e junto do Sindicato pedir o apoio deste para a sua justa luta, ao mesmo tempo que junto da gerência devem insistir, insistir sempre até que esta atenda as suas reivindicações.

Lutemos para que acabe o monstruoso parlamento do forte de Coxias, enviando petições à «Assembleia Nacional», às entidades eclesásticas, ao ministro do Interior, da Justiça, ao Director da PIDE.

## MORREU MARCEL CACHIM

**M**orreu no dia 12, em Paris, com 88 anos, o camarada Marcel Cachim, membro do Bureau Político do Partido Comunista Francês, director do «L'Humanité» e deputado e decano da Assembleia francesa.

Fundador com Maurice Thorez do Partido Comunista Francês e desde 1918 director do «L'Humanité», Marcel Cachim foi durante toda a sua longa vida um combatente infatigável combatente pelos direitos e interesses dos trabalhadores do seu país, um incansável e atento defensor do internacionalismo



proletário e da amizade entre a França e a União Soviética. Por esta razão, Marcel Cachim, foi condecorado, em Setembro último, pelo Presidium do Soviete Supremo da URSS com a Ordem de Lenine.

Ao Partido Comunista, irmão, da França, aos comunistas e à classe operária franceses que consideravam o camarada Cachim como um pai, expressamos o nosso profundo desgosto certos de que conosco estarão todos os comunistas, a classe operária e todos os homens e mulheres progressistas do nosso país.

# O POVO DA VENEZUELA DERRUBOU A DITADURA FASCISTA E LIBERTOU JESUS FARIA

Há 5 anos submetido à sangrenta ditadura de Peres Jimenez o povo da Venezuela sob a direcção do Partido Comunista, vinha já há algum tempo forjando a sua unidade na luta pelo derrubamento da camarilha de Jimenez e pela instauração de Liberdade e da Democracia no seu país.

Apercebendo-se da envergadura e da importância desta unidade, expressa nas acções cada vez mais amplas das massas populares pelas suas reivindicações, e sentindo ameaçada a posição do seu laçoio Perez Jimenez, o imperialismo americano com o apoio da reacção venezuelana apressou-se a agir para impedir que a acção unida de todo o povo resultasse a perda das importantes riquezas económicas que os monopólios americanos disfrutavam na Venezuela e que a camarilha de Jimenez defendia como fiel cão de guarda.

O abortado golpe de estado que ali teve lugar a 1 de Janeiro liga-se intimamente a essa tentativa da reacção imperialista para reprimir o movimento popular e impedir as amplas conquistas democráticas deste. TRÊS MIL PESSOAS entre as quais jornalistas, sacerdotes, militares e pessoas conhecidas pelas suas ideias liberais foram imediatamente presos. Porém, esta desesperada tentativa fracassou. A camarilha de P. Jimenez ficou isolada a pouco e pouco, e a medida que o movimento popular e democrático crescia como onda avassaladora em todo o país. Os mais chegados colaboradores de Jimenez tiveram que ser ajustados.

A 23 de Janeiro ao cabo de uma série de lutas, greves e manifestações populares que culminaram com a greve geral de 21-1, o governo de Jimenez foi derrubado e substituído por uma Junta Militar de 5 membros e uma Junta Civil de 3 membros.

Mais uma vez a reacção imperialista e seus agentes na Venezuela apercebendo-se do carácter popular e democrático do movimento e da solução popular a que este conduzia, apressaram-se a desencadear novo golpe militar quando as massas populares já se encontravam na rua. Mas a luta destas continuou. E pela sua acção unida foram as massas populares que impuseram a Junta patriótica, ergida outrora clandestinamente dos vários partidos e grupos de oposição entre os quais o P. Comunista da Venezuela, a qual teve que ser aceite pela Junta Governamental de onde entretanto, e sempre por vontade do povo,

haviam saído dois milhares. Do governo que posteriormente se formou faziam parte civis e apenas um militar. Ao mesmo tempo eram libertados os milhares de presos políticos encarcerados pela camarilha fascista de Jimenez, entre os quais o grande dirigente popular JESUS FARIA Secretário geral do P. C. da Venezuela.

Foi a unidade dos vários partidos e grupos políticos de oposição fortalecido através da luta de todo o povo pelas suas reivindicações mais sentidas que permitiu a solução pacífica do caso da Venezuela onde se pode afirmar que o sangue que correu foi consequência apenas da resistência que a camarilha governamental e os seus carrascos opuseram à vontade de todo o povo.

Este brilhante exemplo do povo da Venezuela tal como o ainda recente da Colombia, não pode deixar de animar o nosso povo cuja situação é igualmente e de modo muito justamente ansiosa e reclama a unidade cada vez mais ampla de todas as forças democráticas e de oposição.

Neste momento histórico da vida da Venezuela o P. C. Português saúda o heroico povo venezuelano, as forças progressivas da Venezuela e em especial a classe operária e o seu Partido — o P. Comunista da Venezuela — força dinamizadora da luta libertadora da toda o povo, assim como o seu dirigente recentemente libertado JESUS FARIA.

Tal como o povo da Venezuela arrancou, pela sua luta heroica, das mãos dos carrascos fascistas o seu querido filho JESUS FARIA, o nosso povo unido na sua luta contra a camarilha opressora de Salazar acabará por arrancar da prisão o seu dirigente Alvaro Cunhal e todos os patriotas com ele presos.

# 1.000 OPERÁRIOS DA VISTA ALEGRE PEDEM AUMENTO DE SALÁRIOS

Com a sua Comissão de Unidade à frente 1.000 operários desta importante fábrica de loiça de lhaivo, concentraram-se no dia 31 de Janeiro na Gerência onde explicaram, com dados, que os salários que ganhavam não chegavam para nada e que por isso, precisava de ser aumentados.

enormes dificuldades por os salários serem muito baixos e a vida estar cara. Por isso aconselhamos os operários da Vista Alegre a insistirem junto da Gerência por aumento de salário, e todos os cerâmicos da região de Aveiro a fazerem o mesmo nas fábricas onde trabalham.

Todos devem ir em massa ao Sindicato discutir o problema do aumento com a direcção e pedirem a esta que se ponha ao seu lado na luta por aumento de salários para todos.



# AVANTE PARA A CAMPANHA DOS MIL CONTOS

Está em plena marcha a nossa campanha. Num prazo bastante curto foram já recolhidas quantias que ultrapassam os 70 contos.

Os camaradas e amigos revelam, dum forma geral, uma boa compreensão das necessidades urgentes do Partido no capítulo de fundos, para enfrentar as enormes despesas que resultam da realização com êxito do V Congresso, da publicação de todos os documentos nele discutidos e as que serão necessárias para que o nosso Partido possa levar a cabo vitoriosamente as grandiosas e difíceis tarefas que a situa-

ção política lhe vem colocando. Há porém, camaradas e organismos que não encaram ainda com a necessária audácia todas as possibilidades existentes nos seus sectores que não apreenderam que a correlação de forças é hoje, no mundo, extramamente favorável aos ideais do socialismo e da democracia e que isso é também verdadeiro para a campanha dos mil contos, pois, há pessoas que não estando no passado dispostos a contribuir para o Partido, estão hoje interessados em fazê-lo.

O espírito de iniciativa e o estudo das melhores formas para arranjarem fundos em cada sector, terão um papel decisivo para o bom êxito da campanha. Como dissemos no número anterior, o «Avante!» espera que lhe comuniquem todos as boas experiências e outros aspectos positivos que surjam no decurso da campanha para lhes dar a devida divulgação.

Avante, camaradas e amigos do Partido, para a realização rápida e vitoriosa da campanha dos mil contos.

# SÓ UNIDOS OS METALÚRGICOS DA A. ALVES VENCERÃO

Em vários grupos e por sucessivas vezes alguns operários da A. Alves (Venda Nova) têm ido junto do patrão pedir aumento de salário.

Entretanto, e porque estes pedidos não têm sido feitos em nome de todos, o patrão tem respondido com escusas e desculpas várias, sem qualquer fundamento.

operários de Alfredo Alves conseguiram melhores salários.

Segundo o exemplo dos rebudadores que foram em comissão junto do patrão, as outras secções devem enviar também as suas Comissões de Unidade junto do patrão, apoiando-as com concentrações, paralizações etc., até os seus pedidos justos serem atendidos.

Não há dúvida, que só todos unidos os

# TODOS SÃO ATINGIDOS...

(continuação da 1.ª pág.)

seus salários e ordenados serem de fome.

## O maior déficite comercial de sempre

Se analisarmos a situação do ponto de vista do nosso comércio externo, então verificaremos que a crise económica é bem mais grave, tudo indicando que não será uma crise passageira.

O déficite da balança comercial em 1957 deve ser o maior de sempre. De Janeiro a Novembro desse ano ele atingiu já 5 milhões 477 mil contos, contra 3 milhões 795 mil contos em igual período de 1956. De 1954 a 1957 esse déficite com o estrangeiro atingiu a importante soma de 17 milhões de contos. Entretanto, a gravidade da situação não está apenas nestes números. Ela reside no facto de importarmos cada vez mais do estrangeiro e de exportarmos cada vez menos para ali. O grosso das nossas compras no estrangeiro foram acesso de máquinas para a industrialização do País? Não. O grosso dessas compras foram de automóveis, combustíveis (alguns dos quais se podiam evitar), produtos alimentícios, etc., e também, claro está, de algumas máquinas para a indústria ligeira quando o QUE O PAÍS PRECISA É DE MONTAR A SUA INDÚSTRIA PESADA. BASE DA SUA INDEPENDÊNCIA ECONÓMICA E MESMO POLÍTICA.

A Alemanha Ocidental, compramos-lhe de Janeiro a Novembro do ano passado mercadorias no valor de 2 milhões 74 mil e 637 contos e vendemos-lhe apenas 477 mil contos (1) contra respectivamente 1.807.568 e 1.087.463 em igual período do ano passado.

Um outro aspecto grave do problema do nosso comércio externo reside no facto de não se defenderem indústrias nacionais nascentes permitindo que os monopólios estrangeiros as «ruínam por meio do «Dumping», isto é, vendendo em Portugal os produtos muito abaixo do custo. Uma vez posto fora de combate o industrial português, os preços voltam a subir e tudo é reagido com largos juros.

Revista ainda um aspecto grave o facto de se continuar a comprar do estrangeiro carne e outros produtos agrícolas por preços mais elevados que os de produção nacional para depois se venderem, e baixo do custo, isto é, aos preços por que se vendem os produtos nacionais. Trata-se de verdadeiros preços políticos pagos por fundos especiais, alimentados por novos impostos e taxas de toda a espécie que o povo paga. Uma tal política tem por fim impedir o aumento de salários e ordenados dos trabalhadores para se favorecer os monopólios industriais e permitir altas e lucrativas negociações a uns tantos homens

do regime. E, entretanto, arruinam aos lavradores portugueses, ou, melhor dos casos, levam-se esses lavradores a desinteressarem-se de produzir certos produtos agrícolas do que resulta a ruína da agricultura nacional, a dependência progressiva do estrangeiro, os déficites cada vez maiores da balança comercial, e como remate, exportarmos os homens mais válidos da Nação, já que não nos compram o que precisamos de vender.

## Por uma política económica independente

Sem uma política comercial externa independente, sem uma política económica verdadeiramente nacional, a depressão que se assinala nos Estados Unidos, onde as vendas e a produção baixam assustadoramente e o número de desempregados já ultrapassa 5 milhões, atingirá Portugal em cheio, se não se arripir rapidamente caminho.

«... presentemente não deixa de ser preocupante a evolução da situação americana, pela incidência que ela poderá ter sobre a economia mundial, ou, pelo menos, a do ocidente». (Dr. Alexandre de Almeida Fernandes, administrador do Banco Lisboa & Açores, 20 «Século» de 26-1-958).

Mas a dependência em relação aos Estados Unidos é tal que se afirma a seguir que «as perspectivas do ano de 1958 hão-de depender fundamentalmente da evolução que caracterizar a economia americana no decurso do ano» (idem).

Portanto, a machadina está suspensa... Mas não se poderá tirar a machadina antes que ela caia e mate a economia nacional de vez, provocando uma onda de falências, a ruína a lorto e a cirelto de pequenos, médios e até ricos industriais, comerciantes e agricultores e o desemprego em massa da classe operária e restantes trabalhadores com todo o seu cortejo de miséria?

Sim, isso pode ser feito, embora não se possam já evitar os males causados pela política verdadeiramente anti-nacional de Salazar e da sua camarilha. Para isso é indispensável uma política que tenha por objectivo A LIQUIDAÇÃO DO PODER DOS MONOPÓLIOS, A ELEVACÃO DO NÍVEL DE VIDA DAS MASSAS TRABALHADORAS, ELEVANDO OS SEUS SALÁRIOS, O NÍVEL ATINGIDO PELO CUSTO DE VIDA, ESTA BELECIMENTO SEM PERDA DE TEMPO DE RELAÇÕES COMERCIAIS REGULARES COM A URSS, REPUBLICA POPULAR DA CHINA E COM OS DEMAIS PAÍSES DO CAMPO DO SOCIALISMO, A DIMINUIÇÃO DRÁSTICA DAS DESPESAS MILITARES EM BENEFÍCIO DA PRODUÇÃO PACÍFICA E DO APETRECHAMENTO TÉCNICO DO PAÍS. Estará, acaso, o governo fascista de Salazar interessado em realizar uma tal política?

Não. As afirmações dos ministros salazaristas, de que não resta outra saída do que a adesão de Portugal ao «mercado comum» comprovam-no inteiramente.

Não, porque justamente ela é contrária aos interesses dos monopólios e da política dos círculos governamentais dos Estados Unidos que Salazar e a sua camarilha seguem fielmente. Só um governo democrático verdadeiramente patriótico será capaz de pôr em prática uma tal política nacional e patriótica.

E, assim, a situação exige que todas as classes e camadas aliadas durante pela política anti-nacional de Salazar organizem a sua própria acção pelas suas reivindicações específicas e defesa dos seus interesses próprios, orientando essa acção no sentido de se forjar larga união de todas as forças democráticas e anti-salazaristas e a criação de um largo e potente movimento legal de todo o povo, que conduza à substituição do governo fascista de Salazar por um governo democrático que satisfaça as legítimas aspirações do povo português.

## Pelas Herdades...

Em Hermidas, 30 trabalhadores concentraram-se no largo da aldeia e discutiram a situação de desemprego em que se encontravam. Fizeram depois diligências junto do cabo de Ordens, do cabo da GNR e do presidente da Junta de Freguesia para saberem quando começam os trabalhos públicos.

Trabalhadores de Ermidas, a experiência dos vossos camaradas de Beleição Aldeia Nova de S. Bento e outras aldeias, mostra que se vos unirdes, se vos concentrardes junto do Posto da GNR, da junta de Freguesia e da Casa do Povo e aí reclamarem trabalho, as autoridades serão forçadas a abrir as obras como tão justamente reclamais.

## OIÇA A RÁDIO!

### RÁDIO MOSCOVO:

Transmite para Portugal, todos os dias, das 21 h. às 21,30 pelas ondas de 25 e 31 metros e das 22 h. às 22,30 em 41 e 49 metros.

### RÁDIO ESPANHA INDEPENDENTE

Transmite todos os dias, em espanhol, nas ondas de 37, 39 e 43 metros, desde as 18 horas às 23, com um curto intervalo de 2 minutos em cada meia hora.

### RÁDIO PEQUIM:

Transmite, diariamente, em espanhol, das 18,30 às 19 horas e das 22 às 22,30 pelas ondas de 25 e 42 metros.

## QUANTIAS RECEBIDAS

P. realização de V. C. 2.000\$00	Unidade é necessária	200\$00
P. realização do programa do P.	Viva o V Cong.	290\$00
Reforçamos a org. do P.		50\$00
	<b>TOTAL</b>	<b>2.640\$00</b>

## OS OPERÁRIOS DA F. PORTUGAL NA LUTA CONTRA A PRODUTIVIDADE

Chegou à redacção do «Avante!» uma circular contra a campanha de produtividade, que foi largamente distribuída entre os trabalhadores da Fábrica Portugal, da qual passamos a publicar algumas passagens:

«Companheiro»... Sabes que ao ser introduzido na Fábrica o infernal sistema de produtividade, o sr. Eng. Rebelo de Andrade te prometeu que daí a um ano talvez já fosse possível aumentar-te o salário, depois de ver também o resultado do aumento de produção. Ora o aumento de produção está à vista: três a quatro vezes mais nas mesmas horas de trabalho!

No dia 19 deste mês de Fevereiro faz precisamente um ano que te prometemos verifico e é nesse mesmo dia que tu deves juntar-te aos teus companheiros e irer à Gerência reclamar aquilo que há muito te é negado.

«Se tu ganhas 40\$00 diários e agora trabalhas três vezes mais, tens direito ao salário de 120\$00, visto que produziste num só dia equivalente a três dias! E se não tanto, o que é que te dão a mais por esse trabalho? Apenas uns magros escudos a título de prémio pelo número de pontos que o «control» acusar enquanto os teus patrões enchem cada vez mais os seus cofres já abarrotados de dinheiro que a ti e aos teus é arrancado impiedosamente.

O sistema de «contro» exige de ti um ritmo infernal de trabalho, desumano só para aumentar os lucros dos patrões, reduzindo à miséria aqueles que, como escravos, lhes proporcionam tal situação.

«Precisas que o teu trabalho seja dignificado e reduzido, Compañheiro, isto para não arruinar a tua saúde que caminha a passos largos para um desgaste que pode levar-te à tuberculose.

«Precisas de aumento de salário para teres uma alimentação conveniente e poderes proporcionar aos teus uma vida mais tranquila, uma vida mais sã, uma vida onde pelo menos não exista tanta miséria e defesa os teus filhos de serem amanhã escravizados pelos filhos dos teus patrões.

«PEDE AUMENTO DE SALÁRIO: EXIGE QUE SE ACABE O CONTROL QUE SE ACABE O CONTROL

«E todos unidos, como um só homem vamos à Gerência no dia 19 de FEVEREIRO DE 1958!» Esta circular que um grupo de operários da Fábrica Portugal ciliou aos seus companheiros sobre o problema mais grave dos trabalhadores desta fábrica é um exemplo de luta que poderá e deverá ser seguido pelos operários de outras empresas.